

UMA CASA NA PRADARIA

Laura Ingalls Wilder

Tradução
Lígia Azevedo



Principis

Publicado em acordo com a Harper Collins Children's Books,
uma divisão da Harper Collins Publishers.

© 2022 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original

Little House on the Prairie

Produção editorial

Ciranda Cultural

Texto

© Laura Ingalls Wilder

Diagramação

Linea Editora

Editora

Michele de Souza Barbosa

Ilustração

Fendy Silva

Tradução

Lígia Azevedo

Imagens

graphixmania/Shutterstock.com

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W673u Wilder, Laura Ingalls.

Uma casa na pradaria / Laura Ingalls Wilder; traduzido por: Lígia Azevedo.
- Jandira, SP : Principis, 2022.
192 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Os pioneiros americanos; v. 3).

Título original: Little House on the Prairie

ISBN: 978-65-5552-686-8

1. Literatura infantil. 2. Família. 3. Historias. 4. Romance. I. Azevedo, Lígia.
II. Título.

2022-0283

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

Sumário

Nota da tradução	5
Rumo ao Oeste.....	7
Atravessando o riacho.....	15
Acampando na Alta Pradaria.....	22
Um dia na pradaria	27
A casa na pradaria	34
De mudança	44
A alcateia	49
Duas portas sólidas	59
A lareira	64
Telhado e piso	71
Índios em casa.....	77
Água fresca para beber	85
Bois com chifres.....	93
Acampamento indígena.....	99
Sezão.....	105
Fogo na chaminé	114
Pa vai à cidade.....	120
O índio alto	129

O senhor Edwards encontra Papai Noel.....	136
Um grito na noite	144
Reunião de índios.....	150
Fogo na pradaria.....	156
O grito de guerra dos índios	162
Os índios vão embora	170
Soldados.....	176
A partida.....	182
Sobre a autora	190



Nota da tradução

Laura Ingalls Wilder começou a lançar a série de livros que a deixou famosa em 1932, com *Uma casa na floresta*. No entanto, a história de cunho autobiográfico se passa ainda antes, a partir dos anos 1870, quando a família da autora viveu em diferentes partes do interior dos Estados Unidos. Era um período em que a população branca vinha se expandindo do Leste para o Oeste do país, incentivada pelo governo. Esse processo teve efeitos terríveis sobre a população indígena, que foi sendo despojada de suas terras e acabou drasticamente reduzida.

Em *Uma casa na pradaria* (1935), os Ingalls se instalam em território indígena, porque Pa ouviu dizer que a região logo será entregue a colonos brancos e sabe que os primeiros a chegar serão favorecidos. Como ele mesmo diz: “Quando colonos brancos chegam a uma região, eles [os indígenas] têm que ir embora. O governo vai deslocar os índios para oeste a qualquer momento. [...] Os brancos vão ocupar todo o país”.

É por isso que a família e os outros colonos brancos vivem em um estado de tensão constante com a proximidade dos nativos. O preconceito desses colonos fica muito claro na narrativa. Pa acredita na convivência pacífica pelo bem e pela segurança dos próprios brancos, sem se abster de tirar proveito de terra indígena, mas outros personagens têm uma aversão declarada aos nativos, como Ma e o senhor Scott, que chega a afirmar que “índio bom é índio morto”. De modo geral, os personagens brancos não veem os nativos como seres humanos. Quando a história começa, a protagonista Laura nunca havia visto um índio, mas imagina que sejam “selvagens de pele vermelha, carregando machadinhas”. Ela não compreende por que estão em terra indígena se a mãe não gosta de índios, mas em determinado momento da narrativa torce para que seu cachorro mate os índios que estão em sua casa e depois teima em querer um bebê índio para si, como se fosse um filhotinho de animal.

Essa visão dos personagens e da própria narração dos não brancos como “o outro” também se aplica em relação aos negros, como acontece com o único personagem negro que aparece na história, o doutor Tan: “Laura nunca tinha visto um homem preto e não conseguia tirar os olhos do doutor Tan. Ele era muito preto. Ela ficaria com medo se não tivesse gostado tanto dele”. Vale lembrar que a escravidão foi oficialmente abolida nos Estados Unidos por uma emenda à constituição em 1865, apenas dois anos antes que Laura Ingalls Wilder nascesse. E essa abolição de maneira nenhuma representou igualdade de liberdade, direitos ou oportunidades em relação aos brancos ou acabou com o preconceito existente.

É impossível ler a série de Laura Ingalls Wilder sem atentar para as questões raciais. Até hoje, indígenas e negros continuam lutando por igualdade de status com a população branca, não só nos Estados Unidos, como também no Brasil.



Rumo ao Oeste

Muito tempo atrás, quando todos os avós de hoje eram menininhos, meninas, bebês bem pequenos ou ainda nem haviam nascido, Pa, Ma, Mary, Laura e Carrie foram embora de sua casinha na Grande Floresta de Wisconsin. Eles a deixaram vazia e sozinha na clareira, em meio às enormes árvores, e nunca mais a viram.

Estavam indo para território indígena.

Pa disse que agora havia gente demais na Grande Floresta. Com frequência, Laura ouvia um machado que não era o de Pa trabalhar, ou o eco de um tiro de outra arma que não a dele. O caminho que passava pela casinha havia dado lugar a uma estrada. Quase todo dia, Laura e Mary interrompiam a brincadeira e ficavam olhando, surpresas, para uma carroça que passava devagar por ali.

Os animais selvagens não iam ficar em um lugar com tanta gente. Pa, tampouco. Ele gostava de espaços onde os animais selvagens podiam viver sem medo. Gostava que filhotes e suas mães o observassem

das sombras da floresta, gostava de ver ursos gordos e preguiçosos comer frutas silvestres.

Nas longas noites de inverno, ele falava com Ma sobre o Oeste. Lá, a terra era plana e não havia árvores. A grama crescia grossa e alta. Animais selvagens vagavam livremente e se alimentavam como se estivessem em um pasto que se estendia muito além da vista, e não havia colonos. Só índios moravam ali.

Um dia, no finzinho do inverno, Pa disse a Ma:

– Como não faz objeção, decidi ir para o Oeste. Recebi uma oferta pela casa, podemos vendê-la agora por um valor tão alto quanto venderíamos mais para a frente. Será o bastante para começar em outro lugar.

– Ah, Charles, mas temos que ir já? – Ma perguntou.

Fazia muito frio, e a casinha era muito confortável.

– Se formos neste ano, tem que ser agora – disse Pa. – Não vamos conseguir atravessar o Mississípi depois que o gelo quebrar.

Assim, Pa vendeu a casinha. Vendeu a vaca e os bezerros. Fez arcos de noqueira e instalou na parte de trás da carroça, depois Ma ajudou a esticar uma lona branca por cima.

Na leve escuridão que precedia a manhã, Ma sacudiu Mary e Laura com delicadeza, até que acordassem. À luz da lareira e de uma vela, ela deu banho nas duas, depois as penteou e agasalhou bem. Por cima das roupas de baixo de flanela vermelha, vestiu nelas anáguas, vestidos e meias compridas, tudo de lã. Depois um casaco, gorro de pele de coelho e as luvas vermelhas.

Tudo o que havia na casinha estava agora na carroça, a não ser pelas camas, mesas e cadeiras, que eles não precisavam levar, porque Pa poderia fazer outras.

A camada de neve no chão estava fina. O ar estava parado e frio. Continuava escuro. As árvores sem folhas contrastavam com as estrelas

congeladas. A leste, o céu estava claro. Da floresta cinza, vinham lanternas, carroças e cavalos, trazendo vovô e vovó, tios e primos.

Mary e Laura agarraram suas bonecas de pano, sem dizer nada. Os primos as cercaram e olharam para elas. Vovó e as tias abraçaram e beijaram todos, depois abraçaram e beijaram de novo, em despedida.

Pa pendurou a arma em um arco da carroça, por dentro da lona, onde seria capaz de pegá-la depressa de seu assento na frente. O cartucho e o polvorinho foram pendurados logo abaixo. O estojo da rabeça tinha sido posicionado com cuidado, entre travesseiros, para que o instrumento não fosse danificado com o sacolejo.

Os tios ajudaram Pa a atrelar os cavalos à carroça. Os primos receberam ordens de se despedir de Mary e Laura com um beijo, e assim fizeram. Pa pegou Mary e depois Laura no colo e as posicionou na cama, na parte de trás da carroça, depois ajudou Ma a subir no assento da frente. Em seguida, vovó passou a ela a bebê. Pa subiu e se sentou ao lado para Ma. Jack, o buldogue malhado, seguiria na parte de baixo da carroça.

Assim eles deixaram para trás a casinha feita de toras. As venezianas estavam fechadas, de modo que a casinha não pôde vê-los partir. Manteve-se dentro da cerca de toras, atrás de dois grandes carvalhos, cujas copas verdes serviam de teto para que Mary e Laura brincassem no verão. Foi a última vez que eles viram a casinha.

Pa prometeu que, no Oeste, Laura veria um *papoose*.

– O que é um *papoose*? – ela perguntou.

– É um bebezinho indígena, de pele morena.

Eles dirigiram por bastante tempo pela floresta enevoadada, até chegar à cidade de Pepin. Mary e Laura já a tinham visto, mas ela parecia diferente agora. As portas da loja e de todas as casas estavam fechadas, os tocos de árvores estavam cobertos de neve, e não tinha nenhuma criança brincando lá fora. Havia grandes pilhas de madeira entre os

tocos. Só se viam dois ou três homens, usando botas, gorro de pele e casaco xadrez.

Ma, Laura e Mary comeram pão e melaço na carroça, e os cavalos comeram milho dos bornais, enquanto, dentro da loja, Pa trocava peles por itens que seriam necessários para a viagem. Eles não podiam perder muito tempo na cidade, porque tinham de atravessar o lago naquele mesmo dia.

O enorme lago se estendia liso e branco por todo caminho até o céu cinza. Rastros de carroças o cruzavam, indo tão longe que não dava para ver até onde. Pareciam terminar no nada.

Pa conduziu a carroça pelo gelo, seguindo os rastros. Os cascos dos cavalos produziam um ruído surdo ao avançar, as rodas estalavam. A cidade foi ficando para trás e cada vez menor, até que a loja não passava de um pequeno ponto. Ao redor da carroça, não havia nada além de silêncio e vazio. Laura não gostava daquilo. Mas Pa estava no assento da frente, e Jack estava sob a carroça. Ela sabia que nada de ruim aconteceria estando os dois ali.

Finalmente, a carroça pegou uma subida de terra, e árvores surgiram à vista. Havia uma casinha de toras em meio a elas. Laura se sentiu melhor.

Ninguém morava ali, era um local de acampamento. A casa era pequena e esquisita. Tinha uma lareira grande e beliches rústicos encostados às paredes. Mas, depois que Pa acendeu a lenha, ficou quentinha. Naquela noite, Mary, Laura e Carrie dormiram com Ma diante do fogo, enquanto Pa dormiu lá fora, para cuidar da carroça e dos cavalos.

Laura acordou no meio da noite, com um barulho estranho. Parecia um tiro, mas era mais agudo e prolongado. Ela o ouviu repetidamente. Mary e Carrie continuaram dormindo, mas Laura seguiu acordada até ouvir a voz suave de Ma no escuro.

– Pode dormir, Laura. É só o gelo estalando.

Na manhã seguinte, Pa disse:

– Que bom que atravessamos ontem, Caroline. Não me surpreenderia se o gelo todo quebrasse hoje. Saímos tarde. Foi sorte o gelo não ter começado a quebrar quando estávamos no meio do lago.

– Pensei nisso ontem, Charles – Ma disse, gentil.

Laura não tinha pensado naquilo no dia anterior, mas agora considerava o que podia ter acontecido se o gelo tivesse quebrado sob as rodas da carroças e todos caíssem na água gelada, no meio daquele lago tão vasto.

– Você está assustando alguém, Charles – Ma disse, então Laura se viu pega na segurança do abraço de Pa.

– Estamos do outro lado do Mississípi! – ele disse, animado. – Gostou, minha canequinha de sidra doce pela metade? Está gostando de ir para o Oeste, onde vivem os índios?

Laura disse que sim e perguntou se já estavam em território indígena. Ainda não. Estavam em Minnesota.

O caminho até o território indígena era muito, muito longo. Quase todos os dias, os cavalos avançavam até não poder mais. Quase todas as noites, a família montava acampamento em um lugar diferente. Mas, às vezes, tinham de passar dias seguidos acampados, porque deparavam com um córrego cheio e precisavam aguardar que a água baixasse para atravessar. Havia incontáveis córregos a atravessar. Eles viram florestas e colinas bem estranhas e terrenos ainda mais estranhos, sem árvores. Atravessaram longas pontes de madeira cruzando rios, até chegar a um bem largo, cuja água era amarelada. Não havia ponte.

Era o rio Missouri. Pa subiu com a carroça em uma jangada, e todos se mantiveram bem quietinhos enquanto ela deixava a segurança da terra e cruzava devagar as águas lamacentas.

Depois de alguns dias, eles depararam com mais colinas. A carroça atolou na lama preta e profunda de um vale. Chovia, trovejava e relampejava. Eles não tinham onde montar acampamento ou como fazer uma fogueira. Estava úmido, gelado e triste dentro da carroça, mas a família não podia sair, e só tinha comida fria.

No dia seguinte, Pa encontrou um declive onde poderiam acampar. Tinha parado de chover, mas eles ainda precisavam esperar uma semana para que a água do córrego baixasse e a lama secasse para que Pa pudesse desatolar as rodas e seguir viagem.

Um dia, enquanto esperavam, um homem alto e magro saiu da floresta, montado em um pônei preto. Pa conversou um pouco com ele, depois os dois entraram na floresta juntos. Quando voltaram, estavam ambos montados em pôneis pretos. Pa havia trocado os cavalos marrons, que estavam cansados, pelos pôneis.

Eram lindos. Pa explicou que, na verdade, não eram pôneis: eram mustangues.

– São éguas fortes como mulas e dóceis como gatos – Pa disse.

Tinham olhos grandes, brandos e gentis, crina e rabo compridos, pernas finas e patas muito menores e mais rápidas que as dos cavalos da Grande Floresta.

Quando Laura perguntou como as éguas se chamavam, Pa disse que ela e Mary podiam escolher os nomes. Mary escolheu Pet para um, e Laura escolheu Patty para o outro. Quando o barulho do córrego já não era tão alto e a estrada ficou mais seca, Pa conseguiu desatolar a carroça. Depois de arrear Pet e Patty, eles seguiram viagem.

Tinham percorrido todo o caminho desde a Grande Floresta de Wisconsin até Minnesota, Iowa e Missouri. O tempo todo, Jack trotava sob a carroça. Agora, o objetivo era cruzar o Kansas.

O Kansas era uma planície infinita, coberta de gramíneas altas que balançavam ao vento. Eles viajaram dias seguidos sem ver nada

além do movimento das gramíneas e do céu amplo, que formava um círculo perfeito e se curvava até a terra, com a carroça bem no meio.

Pet e Patty não paravam o dia inteiro, trotando, caminhando, depois voltando a trotar, mas a carroça continuava no meio do círculo. Mesmo quando o sol se punha, o círculo continuava envolvendo-os, embora as beiradas do céu ficassem rosadas. Depois, devagar, tudo ficava preto. O vento produzia um som solitário ao bater nas gramíneas. A fogueira parecia pequena e perdida naquela amplitude toda. Surgiam estrelas enormes no céu, brilhando tão perto que Laura sentia que quase podia tocá-las.

No dia seguinte, estava tudo igual: o céu era o mesmo, e o círculo não se alterava. Laura e Mary estavam cansadas daquilo. Não havia nada de novo para fazer ou para olhar. A cama na parte de trás da carroça estava arrumada, com um cobertor cinza por cima. As duas se sentaram nele. As laterais da cobertura de lona da carroça tinham sido recolhidas e amarradas, permitindo que sentissem o vento da pradaria. Ele agitava o cabelo liso e castanho de Laura e os cachos dourados de Mary, enquanto a luz forte incomodava seus olhos.

Às vezes, uma lebre grande aparecia saltando por cima das gramíneas ao vento. Jack não lhe dava atenção. O pobrezinho também estava cansado, e suas patas estavam doloridas da viagem tão longa. A carroça continuava sacolejando, com a cobertura de lona agitada pelo vento. Deixava marcas de roda fracas para trás, sempre iguais.

As costas de Pa estavam curvadas. As rédeas estavam soltas em suas mãos, o vento agitava sua barba castanha e comprida. Ma se mantinha sentada ereta e em silêncio, com as mãos cruzadas sobre as pernas. Carrie dormia em um ninho feito de trouxas macias.

Mary bocejou alto. Laura perguntou:

– Ma, podemos descer e correr atrás da carroça? Minhas pernas estão cansadas.

– Não, Laura – Ma disse.

– Vamos acampar em breve? – Laura perguntou. Parecia que se tinha passado um longo tempo desde o almoço, quando tinham comido sentados na grama, à sombra da carroça.

Pa respondeu:

– Ainda não. É cedo demais para acampar.

– Quero parar agora! Estou muito cansada! – Laura insistiu.

– Laura – foi tudo o que Ma disse. Significava que a menina não deveria reclamar. Por isso, Laura não reclamou mais. No entanto, em seu interior, continuava mal-humorada. Ela ficou sentada, resmungando mentalmente.

Suas pernas doíam, e o vento não parava de bagunçar seu cabelo. As gramíneas se curvavam, a carroça balançava. Nada mais aconteceu por um bom tempo.

– Estamos chegando a um córrego ou rio – Pa disse. – Estão vendo aquelas árvores lá na frente, meninas?

Laura se levantou e se segurou em um dos arcos da parte de trás da carroça. A distância, ela viu uma mancha escura.

– São árvores – Pa disse. – Dá para saber pela forma das sombras. E, aqui, se há árvores, há água. É lá que vamos passar esta noite.



Atravessando o riacho

Pet e Patty começaram a trotar mais forte, como se também estivessem animados. Laura se segurou com força em um arco e se levantou na carroça sacolejando. Além dos ombros de Pa, depois das ondas de gramíneas verdes, ela já via as árvores, que eram muito diferentes das que conhecia. Não passavam da altura de arbustos.

– Alto! – Pa disse, de repente. – Por onde vamos agora? – ele murmurou consigo mesmo.

A rota se bifurcava ali, e não dava para saber qual era o caminho certo. Ambos consistiam em marcas vagas de rodas na grama. Um ia para oeste, enquanto o outro descia um pouco, rumo ao sul. Ambos logo desapareceriam em meio às gramíneas altas, balançando.

– Acho que é melhor descer – Pa decidiu. – O córrego fica na baixada. A parte mais rasa deve ser por aqui.

Ele conduziu Pet e Patty na direção sul.

O caminho desceu e subiu, então desceu e subiu de novo, pelo terreno levemente curvo. As árvores estavam mais próximas, ainda que